

Roberto Bolaño – Amanhecer

Acredite, estou no meio do meu quarto esperando que chova. Estou sozinho. Não ligo se vou terminar ou não meu poema. Espero a chuva, tomando café e vendo pela janela uma bela paisagem de pátios internos, com roupas penduradas e quietas, silenciosas roupas de mármore na cidade, onde não existe o vento e só se ouve ao longe o zumbido de uma tevê em cores, observada por uma família que também, a essa hora, toma café reunida ao redor de uma mesa: acredite: as mesas de plástico amarelo se desdobram até a linha do horizonte, e além: lá nos subúrbios onde se constroem prédios de apartamentos, e um garoto de 16 sentado sobre tijolos vermelhos contempla o movimento das máquinas. O céu na hora do garoto é um enorme parafuso oco com que a brisa brinca. E o garoto brinca com ideias. Com ideias e cenas estáticas. A imobilidade é uma neblina transparente e dura que sai de seus olhos. Acredite: não é o amor que vai vir, mas a beleza com sua estola de auroras mortas.

Roberto Bolaño, A Universidade Desconhecida